>> TRANSMISSÃO CRIPTOGRAFADA NR // 2053

63F7 E106 0B33 85D8 9273 641D 3649 994F 28EE
115D F79E BB89 E699 575C CD9D 7EC7 D656 66BD
C902 87EA 60EF 0097 65BE E236 2F90 67D5 82E4
356B B924 1CF0 004D 8FD0 5E41 B4C2 49A9 4836
C6BD DC8B 4583 DA82 971D 6CAB 93A4 00E5 05FC
F61C DF5C B228 1A5F D018 4064 92DA 9DB1 407A
F107 795C 0A05 8570 FAE9 0D74 09F5 A115 6874

>> DECODIFICANDO ARQUIVO 100%

DOCUMENTO RECUPERADO

MANUAL DE SOBREVIVÊNCIA ESPIRITUAL E PRÁTICA NA NOVA REPÚBLICA

ORIGEM Célula Dissidente “Os Filhos da Memória” (Subsolo da Guanabara)
CLASSIFICAÇÃO Alta Subversão — Material Proibido pelo DOC

F6E9 0AED 69DF E8DE 917F F85E D3D7 5555 BAB1
FFF6 1F8D 3530 A72F E409 0151 5EA0 1DE9 A220
E310 F96C 6A11 C953 E5CC 7E42 EAB0 D5D8 604D
C53E 3350 82AC 8C27 AAD9 3B27 E88F 8318 6807
8BC1 EE49 18A8 DC14 43F1 E013 E0C7 005F 77B8
7FB4 5C6B FDD2 E8AC B688 1876 6827 EA22 F201
1C98 43C5 30EC 5561 F155 37A0 97A9 4F96 487F
96DD 37E3 9A2C 4F73 777D D9AE 366A 47C8 BEFD
ECDD 547D 50A0 224E 2C46 67A9 ECED F955 D4D1
D248 7142 B457 CD10 329D FBFB E794 B3F1 ABAE
8915 104A 0C79 16E9 970D D08D 4D4C D4A8 7F10
F2DF E356 B5E7 20D5 7114 2A41 5756 1C20 24EC
174E 4667 33D6 60A7 7CE3 19A0 782B 1035 AC11
994B 9CD3 53BE 827C B28A 5A3E 4BA2 A3DD 0707



RIOTOPIA

PAULO MACCEDO

TRANSMISSÃO CRIPTOGRAFADA // DOCUMENTO RECUPERADO

ORIGEM	Célula Dissidente “Os Filhos da Memória” (Subsolo da Guanabara)
CLASSIFICAÇÃO	Alta Subversão — Material Proibido pelo DOC
ASSUNTO	*Manual de Sobrevivência Espiritual e Prática na Nova República*

Se este documento chegou até você, compartilhamos o mesmo ar envenenado. Você já sabe o que é olhar para o céu e ver a nuvem de *Besouros* zumbindo sobre a sua cabeça. Já sabe o que é ver vizinhos aceitando a pílula do Auxílio-Alívio para anestesiar a própria miséria e testemunhar burocratas do DOC agindo como se fossem donos da sua alma.

Na Nova República, a liberdade não é apenas malvista; é tratada como um vírus, uma aberração que ameaça a colmeia estatal. Quem ousa pensar com a própria cabeça termina nos furgões brancos, nas celas do submundo ou com uma bala no miolo durante um “pancadão estatal”.

Diante desse esmagamento diário, o que nos resta? Beijar a bota do fiscal em sinal de submissão humilhante? Tomar a pílula e aceitar a anestesia química? Correr feito ratos assustados para os cantos escuros da subsistência enquanto a cidade é destruída ao redor? Ou levantar o espírito e lutar com as poucas armas que o sistema não conseguiu confiscar?

Há muitos tipos de coragem, e nem toda resistência eficaz exige uma arma na mão. Aqui dentro, onde a alta tecnologia vigia até a dilatação da sua pupila, o maior ato de guerra possível é o mero e silencioso ato de continuar pensando. Outras vezes, a sabedoria estratégica consiste em calar para continuar vivo e agir amanhã.

Nós testamos todas as saídas, e aqui está o mapa das possibilidades para continuar sendo homem onde tudo foi feito para nos transformar em insetos.

01

FINGIR LEALDADE

O Truque do Camaleão

A primeira arma do escravo inteligente não é a força bruta, mas o disfarce. A sobrevivência em ambientes asfixiantes exige o domínio absoluto do teatro social. Você abaixa a cabeça quando o fiscal passa, cumpre metodicamente as regras idiotas do funcionalismo, sorri para o burocrata de plantão — enquanto, por dentro, segue carregando um ideal oposto absolutamente inabalável. Fingir lealdade, nessas circunstâncias de guerra assimétrica, não é um ato de covardia moral como alguns pensam, mas estratégia.

Foi exatamente esse o caminho de Dmitri Shostakovich sob o terror stalinista na União Soviética. Ele compunha hinos laudatórios e barulhentos ao regime com a mão direita, cumprindo a cota de obediência exigida pelo Partido Comunista. Com a esquerda, escrevia entre as linhas das partituras a dor incurável da opressão e o grito sufocado de um povo esmagado pela tirania. Shostakovich sobreviveu à máquina de moer carne soviética não apenas porque tinha um talento fora de série, mas porque dominava justamente a arte do disfarce. Publicamente, parecia perfeitamente alinhado às diretrizes culturais do Estado. Os críticos atentos e a história posterior, porém, enxergaram em sua obra uma dissidência velada e cortante.

O livro *Testemunho*, ditado por ele ao musicólogo Solomon Volkov, revela os bastidores de um compositor em permanente conflito com o stalinismo, forçado a mascarar sua verdadeira opinião por trás das notas para não desaparecer na calada da noite. Após a crítica feroz de Stalin à sua ópera *Lady Macbeth de Mtsensk* — que quase lhe custou a vida —, Shostakovich passou a viver sob constante vigilância, com as malas permanentemente prontas ao lado da porta caso a polícia secreta viesse buscá-lo. Ainda assim, suas composições subsequentes, como a célebre *Sinfonia nº 7 (Leningrado)*, em vez de funcionarem como mera exaltação do poder militar soviético, são lidas como o eco trágico e fúnebre de uma sociedade esmagada tanto pelo invasor nazista quanto pelo tirano doméstico. Suas notas traduziam o paradoxo definitivo do camaleão: “Eu obedeço na superfície, mas a minha alma não se curva”.

Em *1984,* tudo indicava que o funcionário Winston Smith adotaria uma tática semelhante. Operando nos porões do Ministério da Verdade, o trabalho diário de Winston resumia-se a reescrever o passado a mando do Partido, apagando registros incômodos e transformando mentiras flutuantes em história oficial. Tudo o que escapasse da nova narrativa do Grande Irmão era sumariamente jogado no “buraco da memória” e incinerado. Por fora, Winston era o cidadão padrão: usava o macacão do Partido, comparecia aos Dois Minutos de Ódio e gritava as palavras de ordem. Por dentro, guardava um homem que odiava profundamente as engrenagens daquele regime.

Quando Julia, uma colega que ele julgava ser uma espiã fanática, lhe passa um bilhete clandestino onde se lia “Eu te amo”, os dois dão início a um caso proibido. Era o embrião de sua rebelião particular.

Julia, mais pragmática, não nutria desejos idealistas de derrubar o sistema; queria apenas encontrar frestas para se esconder dele e viver seus impulsos. Winston, no entanto, sonhava com um levante coletivo, com a mítica Fraternidade. Os dois passaram a se encontrar secretamente no isolamento da zona rural e, depois, em um quarto alugado nos bairros proletários. Ali, Winston começou a cometer o crime máximo: registrar seus próprios pensamentos em um diário herético.

No desenrolar da trama, a armadilha do sistema se fecha. O'Brien, um alto funcionário do Partido interno, finge cumplicidade, convida Winston para um círculo conspiratório e lhe entrega o suposto manual de resistência escrito por Emmanuel Goldstein. Tudo não passava de uma encenação do próprio Estado. Winston e Julia são capturados. O Sr. Charrington, o velho lojista aparentemente inofensivo que lhes cedia o espaço, era na verdade um agente infiltrado da Polícia do Pensamento.

Conduzido aos porões do Ministério do Amor, Winston descobre que O'Brien nunca esteve do seu lado, que o livro da resistência havia sido forjado pelo próprio Partido e que a dissidência organizada talvez jamais tenha existido fora das salas de tortura. O sistema não queria apenas matá-lo, queria esvaziá-lo de qualquer resquício de dignidade humana antes do tiro na nuca. Ao ser levado à terrível Sala 101 — onde cada prisioneiro confronta seu pior medo —, Winston fraqueja sob o peso das gaiolas de ratos famintos contra seu rosto. Acaba traindo Julia, entrega o último reduto de sua integridade e jura fidelidade ao Partido. No fim, o camaleão literário foi inteiramente vencido pelo Leviatã.

Winston falhou na arte de fingir porque não conseguiu esconder o coração com profundidade suficiente. Quis desafiar o sistema de peito aberto e teve as suas fraquezas expostas e destruídas pela engenharia do Partido. Essa é a lição mais brutal e realista da obra de Orwell.

Mas nem toda história de disfarce termina com a vitória da opressão. Há episódios reais em que o espírito humano consegue resistir de forma invisível até que a verdade encontre uma fresta para explodir e desmoralizar o tirano. Conta-se que em uma pequena e isolada vila do País Basco, durante os dias cinzentos e sangrentos da Guerra Civil Espanhola deflagrada pelas forças de Francisco Franco, uma bomba lançada pela aviação fascista caiu exatamente no centro da praça principal. Aterrissou com violência, perfurou o pavimento, mas por algum milagre mecânico nunca explodiu.

Aterrorizada pelo perigo iminente, a população local não ousou tocá-la ou tentar removê-la. A bomba permaneceu ali por longos anos, cravada no chão como uma ameaça constante de destruição e um monumento involuntário ao medo. Era o lembrete diário do poder do regime e do castigo brutal que aguardava qualquer um que cogitasse a insubmissão.

A ogiva metálica fez parte da paisagem até que, em uma manhã de primavera, já cansado daquela opressão simbólica que silenciava as conversas da comunidade, um jovem trabalhador chamado Julen decidiu agir. Ele pegou suas ferramentas e, sem pedir permissão a nenhuma autoridade, começou o processo solitário de desmontar o artefato militar. Ao meio-dia, percebendo a coragem do rapaz, alguns amigos se juntaram à tarefa — afinal, se a bomba explodisse e fosse para morrer, que fosse com os companheiros ao lado. No final da tarde, a praça estava tomada pela população inteira: uns ajudando

diretamente, outros fornecendo suporte, todos envolvidos no ato de desobediência.

Ao anoitecer, a bomba estava finalmente desarmada e esvaziada de seu perigo. Em vez de simplesmente descartá-la, os moradores decidiram carregá-la em uma carroça para exibi-la como troféu. No entanto, o verdadeiro milagre daquela operação estava escondido no fundo da ogiva. Entre os cabos, os detonadores e as engrenagens de metal, os homens encontraram um pequeno pedaço de papel manuscrito. Não se tratava de uma instrução técnica de montagem ou de uma ordem militar da fábrica. O idioma do bilhete era o alemão.

Naquela vila basca isolada, a única pessoa capaz de decifrar o texto era Mirentxu, uma mulher que passara a infância em Hamburgo. Chamada às pressas, ela leu a mensagem em silêncio por alguns instantes. Com os olhos fixos nos rostos ansiosos da praça, ela anunciou em voz alta a tradução direta:

> *“Saudações de um operário alemão que não mata inocentes.”*

Um silêncio absoluto tomou conta do lugar. Nas horas que se seguiram, ninguém arredou o pé da praça. Debateram a mensagem, imaginaram a identidade daquele operário anônimo na linha de montagem alemã e interpretaram o peso daquele gesto. Perto da meia-noite, a vila tomou uma decisão unânime: a bomba seria recolocada exatamente no mesmo buraco da praça. No entanto, a partir daquela noite, o significado mudou por completo. Ela deixou de ser o símbolo do terror estatal e da prepotência dos generais. Tornou-se um monumento eterno à resistência, à força da consciência individual e à recusa corajosa de participar da engrenagem do mal. Tudo isso por causa de um trabalhador anônimo de fábrica que, mesmo preso dentro

da monstruosa máquina militar nazista, teve a astúcia e a coragem de fingir lealdade ao regime enquanto sabotava o sistema por dentro, deixando uma mensagem que atravessaria fronteiras para libertar uma vila inteira do medo.

Se você vive hoje sob um regime de morte, cercado por instituições corrompidas, e ainda tem o estranho "privilégio" de receber um salário ou operar dentro de uma dessas estruturas, a sua missão moral é idêntica: sabote o mal onde você estiver. Não é necessário ser um acadêmico de ciência política para compreender essa mecânica. Basta ter um amor intransigente pela Verdade. Basta manter os olhos abertos para o custo humano das políticas que o cercam e aplicar a resistência no seu raio de ação. O operário alemão não precisou redigir um manifesto filosófico complexo; bastou uma atitude silenciosa na linha de montagem para salvar vidas e erguer o espírito de homens distantes.

Obviamente, não estamos pregando a imprudência infantil ou o heroísmo suicida. Sob regimes totalitários modernos, a coragem que funciona é aquela que se veste de inteligência estratégica. Como o cenário nem sempre permite o grito, a luta de peito aberto ou a fuga imediata, sobreviver com a alma intacta exige saber se calar e esperar o momento certo. Fingir lealdade na superfície do jogo social, nesse contexto, é a própria definição de inteligência tática. A arte do camaleão, por razões óbvias, é a mesmíssima arte do espião.

Nas escolas clássicas de espionagem — tanto na antiga KGB quanto na CIA —, o primeiro ensinamento ao agente de campo é que o operador mais eficaz é aquele que se mistura perfeitamente à paisagem, aquele que constrói uma "identidade coberta" robusta o suficiente para enganar até os olhos mais treinados da

contraespionagem. O agente caminha pelas ruas da capital inimiga, sorri para os guardas, acena para os vizinhos e cumpre rotinas enfadonhas com precisão militar. Por dentro, porém, observa cada detalhe, arquiva informações cruciais e resiste ativamente ao sistema que o cerca.

Assim deve agir o dissidente inteligente na modernidade. Não se cala por covardia ou medo covarde, mas por cálculo estratégico. Aprende a parecer inofensivo aos olhos dos censores e dos fiscais. Compreende que o silêncio bem administrado pode funcionar como o melhor esconderijo para a verdade, e que a conformidade burocrática exterior nada mais é do que uma armadura temporária para proteger os seus tesouros internos.

Juan Pujol García, historicamente conhecido pelo codinome “Garbo”, foi a expressão máxima dessa abordagem durante a Segunda Guerra Mundial. Conseguiu a façanha de fingir uma lealdade fanática ao regime nazista, ganhando a confiança do alto escalão do Terceiro Reich a ponto de ser condecorado com a Cruz de Ferro. Em segredo absoluto, no entanto, operava como agente duplo para os Aliados britânicos, alimentando o comando alemão com relatórios falsos minuciosamente desenhados para desorientar as tropas inimigas. Sozinho, escondido atrás de uma máscara de burocrata fiel ao nazismo, Garbo foi peça-chave para desviar as divisões blindadas alemãs de Normandy durante o Dia D, salvando dezenas de milhares de vidas e apressando a queda da tirania na Europa.

A lição histórica é: quando o monopólio da força bruta está escancaradamente do outro lado da mesa, o disfarce deixa de ser uma omissão e passa a ser uma modalidade de combate. Fingir lealdade exterior significa infiltrar-se nas entranhas do sistema que se pretende

subverter. Significa garantir a sua sobrevivência hoje para manter a capacidade de agir e desferir o golpe certeiro amanhã. É a capacidade de resistir com a frieza do gelo até que a conjuntura mude e a verdade possa finalmente explodir na cara dos opressores. Em um regime onde qualquer palavra dita na praça pública ou nas redes digitais pode ser distorcida e usada como prova em um tribunal de exceção, saber o que calar, o que fazer e quando se mover é o que separa o herói vivo e estratégico do mártir esquecido e inútil.

02

DECLARAR-SE MORTO

O Renascimento do Guerreiro

Você quer ser verdadeiramente livre em um mundo de escravos? Então morra! Morra para as vaidades da época, morra para os confortos artificiais, morra para os apegos materiais e, principalmente, morra para as promessas ridículas de segurança que o sistema oferece para te manter de joelhos. Essa foi a virada de chave existencial na mente de Aleksandr Soljenítsin ao ser jogado no fundo do inferno concentracionário do Gulag soviético. Foi ali, destituído de sua farda de oficial, de seus manuscritos e de seus direitos civis, que ele compreendeu a única saída realista para o indivíduo diante do totalitarismo absoluto: declarar-se morto antes mesmo que os carrascos estatais o matem.

Em suas obras primas, como *No Primeiro Círculo* e o monumental *Arquipélago Gulag*, o escritor russo detalha a psicologia do homem que se tornou invencível para o Estado. Quando o prisioneiro político cruza o limiar da prisão da polícia secreta e diz para si mesmo: “Neste exato segundo, a minha vida biológica acabou. Eu estou morto”, o regime perde instantaneamente todas as suas ferramentas de coerção psicológica. A partir daquele instante de renúncia absoluta, não há mais ameaça eficaz que o guarda possa fazer. Os regimes totalitários

baseiam todo o seu poder na manipulação do medo dos vivos — medo de perder o emprego, medo do isolamento, medo da escassez, medo da dor. O homem que já aceitou a sua própria morte moral e física não teme mais nada, não deseja as migalhas do Partido e não mendiga por clemência de tiranos. Ele transformou a sua alma em rocha espiritual. Tornou-se um guerreiro ingovernável.

Não adianta, porém, tentar fingir ou blefar nessa escolha. A decisão precisa ser real, íntima, cabal e irrevogável. Não funciona tentar "morrer só um pouquinho" na superfície para impressionar os outros, mantendo a esperança de recuar e ceder na primeira oportunidade de recuperar os antigos privilégios. É preciso uma morte total e consciente aos vínculos com o conforto e com a aceitação da massa. O indivíduo abandona as expectativas deste mundo como quem salta em um abismo vertical. É justamente no fundo desse salto existencial que nasce o verdadeiro homem livre: aquele que não pode mais ser comprado por incentivos fiscais, chantageado por dossiês burocráticos, seduzido por cargos públicos ou dobrado pelo medo do cancelamento social.

Essa mesma postura foi levada às últimas consequências práticas por Dietrich Bonhoeffer, o teólogo e pastor luterano que se engajou ativamente na resistência alemã contra o nazismo. Compreendendo que a conivência da igreja oficial com as atrocidades de Hitler era uma forma de apostasia moral, Bonhoeffer não se limitou aos sermões teóricos: ajudou na fuga clandestina de judeus e participou dos círculos que planejaram o atentado contra o ditador na Operação Valquíria. Preso pela Gestapo em 1943, sua postura no cárcere tornou-se o maior testemunho de sua teologia da Graça Dispendiosa.

Em 1955, dez anos após o fim da guerra, o médico do campo de concentração de Flossenbürg, Hermann Fischer-Hüllstrung, relatou por escrito os momentos finais do pastor com uma precisão cirúrgica:

> *“Pela porta entreaberta de uma sala no prédio do quartel, vi o pastor Bonhoeffer ajoelhando-se em profunda oração com seu Senhor Deus antes de tirar as roupas dos prisioneiros. Fiquei profundamente chocado com a forma devocional e certa de oração desse homem extraordinariamente simpático. Ele também ofereceu uma breve oração no local da execução e então, com coragem e calma, subiu a escada para a forca. A morte ocorreu depois de alguns segundos. Em meus quase cinquenta anos de atividade médica, dificilmente vi um homem morrer com tanta devoção.”*

A moeda e as ameaças do inimigo não possuem qualquer valor de troca contra quem já não espera absolutamente nada das estruturas deste mundo. Essa morte moral e antecipada diante das vaidades do século é o verdadeiro batismo de fogo do homem livre. Se você quer de fato escapar das amarras do totalitarismo invisível da modernidade,precisa enterrar o seu medo de perder o que é supérfluo. Cesse de uma vez por todas qualquer esperança medíocre de uma “salvação institucional” ou de que um novo decreto vai te proteger. Mate o servo reativo que habita dentro de você e levante-se como um homem soberano.

03

ZOMBAR DO SISTEMA

Rindo na Cara da Besta

O riso satírico e o humor inteligente são ferramentas altamente subversivas contra qualquer centralização de poder. Tiranos e burocratas exigem solenidade, adoração litúrgica às suas figuras e um respeito reverente às suas ações absurdas. Quando o indivíduo livre ri abertamente das contradições e do ridículo das propagandas oficiais, rasga o véu de infalibilidade do Estado e expõe a nudez patética do poder.

Essa fragilidade oculta do Leviatã foi magistralmente demonstrada por Henry David Thoreau. Ele compreendeu que a máquina estatal é, em sua essência, tímida, covarde e desprovida de inteligência real quando confrontada por uma única mente sã que se apoia na Verdade e se recusa a validar suas leis podres.

Ao preferir o isolamento de uma cela de prisão a pagar impostos que financiavam a abominação da escravidão, Thoreau mostrou que o Estado só consegue subjugar quem aceita jogar pelas suas regras solenes. O riso que brota de uma alma soberana tem o poder de quebrar o feitiço do medo e explodir a base psicológica de impérios inteiros. Diante de uma consciência que se recusa a levar a farsa a sério, o pelotão de fuzilamento revela-se como o que realmente é: o

último e desesperado recurso dos fracos que não possuem argumentos.

O humor ataca diretamente o coração daquilo que Václav Havel chamou de sistema pós-totalitário: a obrigação de viver na mentira. Havel ilustra essa engrenagem com a célebre figura do verdureiro comum, que coloca em sua vitrine o cartaz com o slogan “Trabalhadores do mundo, uni-vos!”. O verdureiro não acredita naquela frase, mas a exibe como um ritual mecânico de obediência para sinalizar conformidade, proteger-se de cancelamentos e garantir que o deixem em paz. O drama, contudo, é que ao participar voluntariamente desse teatro, ele se torna uma engrenagem ativa que ajuda a consolidar o próprio sistema de opressão. A zombaria e a sátira quebram essa mentira ritualizada. Ao rirmos do slogan ou ao nos recusarmos, com bom humor e ironia, a encenar a farsa burocrática, interrompemos a transmissão da hipocrisia social. Viver na verdade começa nesses pequenos e despretensiosos atos de rebeldia cotidiana. O riso expõe o rei nu e serve de farol para que outros resgatem a própria dignidade sequestrada.

Mesmo sob o peso asfixiante do controle estatal, o espírito humano sempre encontrou na sátira clandestina uma válvula de escape e resistência. Na China comunista do final dos anos 1980, às vésperas do Massacre da Praça da Paz Celestial, o povo oprimido zombava do regime com uma piada sutil que circulava de boca em boca. Nela, um americano orgulhoso dizia a um cidadão chinês: “Meu país é tão livre que posso ir à praça pública gritar que Ronald Reagan é um idiota, e nada me acontecerá!". O chinês, sem perder a ironia, retrucava: "O meu também é assim! Posso ir à Praça Tiananmen e gritar com todas as minhas forças que Ronald Reagan é um idiota, e a polícia nem se

importará!”. Essa anedota, que também circulava na antiga Moscou soviética, resume o famoso “Teste da Praça Pública” de Natan Sharansky: se um cidadão não pode expressar suas opiniões no centro da praça física — ou na praça digital das redes sociais — sem o pavor de ser preso ou sofrer retaliações, vive sob uma sociedade do medo.

Zombar do sistema, portanto, é a desobediência civil vestida com o traje da alegria. Não é heresia rir de quem quer se fazer de deus; é, na verdade, um dever espiritual. Ao ridicularizar a burocracia opressiva, as propagandas oficiais e o avanço do totalitarismo digital, o dissendente afirma que sua mente permanece livre de rastreamento e controle. O riso inteligente é o lembrete de que, embora eles possam vigiar as nossas telas, congelar os nossos recursos ou enclausurar os nossos corpos, eles jamais conseguirão colonizar uma alma que aprendeu a rir da prepotência dos generais.

04.

LUTAR

A Via Heróica Direta

Aqui não há espaço para eufemismos ou meias palavras: trata-se do confronto direto no campo de batalha visível. É levantar o espírito, reunir o que estiver ao alcance — sejam palavras escritas com sangue, a firmeza de um terço, a leitura da Bíblia ou a contundência da ação direta — e bater de frente contra as estruturas da tirania. No entanto, o combate aberto exige uma força mental e uma têmpera moral que a esmagadora maioria das pessoas criadas na apatia moderna não possui nem para sair da cama.

O filósofo Nicolae Steinhardt afirmava com propriedade que a tirania violenta deve funcionar como o combustível definitivo para a alma: quanto mais o sistema bate, mais o verdadeiro guerreiro cresce e se consolida. Winston Churchill personificou essa obstinação ao liderar o mundo livre contra o diabo nazista com um charuto na boca e a firmeza de quem preferiu ver a sua nação em cinzas a vê-la de joelhos. Para trilhar esse caminho, é preciso amar a justiça muito mais do que se teme a derrota.

Se você busca a encarnação mais monumental e implacável desse heroísmo na história do Ocidente, olhe para a trajetória épica de Witold Pilecki. Enquanto a massa tentava fugir ou fingir lealdade para

salvar a pele, Pilecki realizou o impossível: voluntariou-se para ser capturado e lançado nas entranhas de Auschwitz. Lá dentro, no coração geométrico do extermínio, contraiu pneumonia, mas não se curvou. Criou um exército clandestino nas sombras, contrabandeou peças para construir um rádio transmissor, distribuiu rações extras para manter o espírito de seus companheiros vivo e enviou os primeiros relatórios de inteligência que revelavam ao mundo a barbárie dos campos. Depois de uma fuga espetacular sob uma chuva de balas, ainda combateu na Revolta de Varsóvia de 1944. E quando as garras soviéticas ocuparam sua pátria, recusou o exílio seguro; permaneceu no solo envenenado para estruturar a resistência contra a nova tirania comunista.

Preso, torturado a ponto de suas unhas serem arrancadas e submetido a um tribunal de fachada, Pilecki manteve o silêncio para proteger seus homens e foi executado com um tiro na nuca. Sua vida e sua morte testemunham o valor eterno da liberdade, uma herança espiritual que nenhuma força brutal ou panóptico tecnológico pode rastrear, comprar ou destruir.

Essa mesma chama acendeu a alma do já citado Dietrich Bonhoeffer, o teólogo luterano que abandonou o pacifismo acadêmico e as fronteiras seguras do exterior para se lançar na conspiração direta contra o Terceiro Reich. Bonhoeffer percebeu que a conivência com a barbárie estatal era uma traição moral. Ele participou ativamente de ações de resgate de inocentes e integrou os círculos de inteligência militar comandados pelo almirante Canaris para assassinar o ditador Adolf Hitler na Operação Valquíria. Preso e enforcado pela Gestapo em Flossenbürg nas vésperas da libertação, sua morte não foi uma derrota, mas o resgate definitivo da dignidade de um povo inteiro. Esse

guerreiro provou que, quando a lei se transforma em espoliação e as instituições se tornam corrompidas, a ação direta não é apenas um direito civil, mas um imperativo ético imposto pela própria consciência mística e pela Graça divina.

A via heróica direta, portanto, é o sacrifício supremo de si mesmo no altar do tempo. Não é uma estrada desenhada para a preservação biológica, mas o portal estreito e glorioso que grava a verdade no mármore da história para as futuras gerações. Ao rejeitar a neutralidade cinzenta e marchar contra a opressão de peito aberto, o guerreiro soberano demonstra que sua vida pertence apenas a Deus, e não ao controle administrativo dos fiscais e generais. Ele herda a promessa inabalável de que a verdade, semeada pelo sacrifício pessoal, florescerá e derrubará, mais cedo ou mais tarde, os muros mais impenetráveis da tirania.

05

FUGIR

Fuga Estratégica e Exílio

Nem todo herói veste armadura pesada e se imola nas linhas de frente; alguns demonstram sua inteligência usando uma mochila nas costas e um passaporte. Quando o território natal se transforma em uma colônia penal a céu aberto, a fuga estratégica não configura covardia, mas inteligência de guerra. Quem foge para preservar a própria alma, salvar a família da doutrinação e manter a integridade, está mil vezes acima do tolo que morre apenas pela pose ou pelo aplauso dos outros. Sair de um país totalitário é, em si, um ato de denúncia que grita ao mundo que aquela terra virou uma prisão.

E essa fuga nem sempre exige cruzar fronteiras geográficas com carimbos na alfândega. É perfeitamente possível sumir dentro do próprio território: abandonar os grandes centros urbanos, largar a dependência do CPF digital, descentralizar os recursos e virar uma sombra para o leviatã. O sistema totalitário moderno odeia, acima de tudo, o que ele não consegue rastrear, mapear e taguear por meio da tecnologia de vigilância. Viver como um dissidente invisível, mantendo o coração e a mente puramente humanos no isolamento, é indiscutivelmente um ato monumental de dignidade.

A fuga estratégica e o exílio não representam um ato de covardia, mas sim um refinado exercício de inteligência militar. Nem todo guerreiro é talhado para a imolação pública nas trincheiras de frente; o estrategista sabe que, quando a pátria se degenera em uma colônia penal de segurança máxima, retirar-se é o único modo de manter a resistência viva. Sair de um território moralmente falido, cruzar fronteiras com uma mochila nas costas e um passaporte válido é o supremo grito de protesto: é anunciar ao mundo que aquele solo tornou-se uma masmorra e que você se recusa a ser parte de seu rebanho.

No entanto, este exílio não exige necessariamente cruzar oceanos ou carimbar vistos em alfândegas vigiadas. A fuga mais profunda, mais dolorosa e mais eficaz ocorre dentro do próprio território. Significa empreender uma migração silenciosa para fora dos grandes formigueiros urbanos anestesiados pelo consumo e controlados por câmeras de reconhecimento facial. Significa cortar sistematicamente os tentáculos da dependência do CPF digital, descentralizar seus recursos financeiros, escapar do crédito vigiado e converter a própria existência em uma sombra indetectável para o Leviatã. O totalitarismo digital moderno — esse panóptico de alta tecnologia inspirado no modelo chinês de controle social — odeia, acima de tudo, o que ele não consegue mapear, taguear, analisar e prever algoritmicamente. Viver como um dissidente invisível, mantendo o coração e a mente puramente humanos no isolamento, é indiscutivelmente um ato monumental de dignidade.

Para que essa retirada seja vitoriosa, contudo, é preciso cultivar uma autonomia inabalável. A dependência absoluta do Estado ou de suas corporações parceiras é a corda pela qual eles nos arrastam até o

matadouro. Como nos ensina a lição de Václav Havel sobre o poder dos sem poderes, a resistência se consolida na criação de uma sociedade civil independente, um espaço soberano onde as pessoas possam reconstruir suas identidades e sua dignidade longe das garras oficiais. Isso se faz aprendendo novas habilidades de sobrevivência, estabelecendo redes descentralizadas de comércio espontâneo e apoio mútuo, e praticando a autossuficiência econômica. Bruno Leoni já nos alertava sobre o perigo de nos tornarmos reféns de uma inflação legislativa asfixiante, uma verdadeira "guerra legal de todos contra todos" gerada por decretos arbitrários. Diante dessa farsa jurídica, a única saída é recuar para o direito espontâneo, para os acordos privados de confiança mútua e para o mercado livre, onde, como bem apontou Milton Friedman, a iniciativa privada funciona como o verdadeiro escudo contra a coerção centralizada.

O exílio voluntário é, no fundo, a reatualização do eterno arquétipo do deserto. Toda grande regeneração espiritual da história humana começou no isolamento, longe da fumaça e do barulho das capitais corrompidas. Sophie Scholl, na véspera de enfrentar a guilhotina nazista, sonhou que caía em um abismo, mas que antes conseguia colocar a salvo, em terra firme, uma criança pequena. Essa criança, ela mesma decifrou, era a "ideia" da liberdade, a semente da verdade que a Rosa Branca havia plantado e que precisava ser protegida do desastre iminente. Fugir, portanto, é o ato sagrado de carregar essa criança nos braços e ocultá-la no deserto do isolamento. É garantir que, enquanto o império desmorona sob o próprio peso de sua mentira e arrogância tecnológica, a chama do espírito humano permaneça acesa em algum santuário oculto, guardada por homens que preferiram a liberdade rústica das sombras à escravidão dourada da colmeia.

06

TESTEMUNHAR

Gravar a Verdade no Mármore do Tempo

Quando todas as vias de ação física estão vedadas, quando o cenário não permite lutar, fugir ou zombar abertamente, o dever do homem livre se resume a um comando: “registre”. Grite usando uma caneta. Deixe os fatos gravados no mármore do tempo para que a narrativa oficial dos opressores não vença o tribunal da história.

Todo regime totalitário trava duas guerras simultâneas. A primeira é contra os corpos: prende, tortura, mata. A segunda, mais silenciosa e mais ambiciosa, é contra a memória. O tirano não se contenta em vencer; precisa que sua vitória pareça inevitável, justa e, sobretudo, limpa. Por isso existe o “buraco da memória” de Orwell, por isso os arquivos desaparecem, as fotografias são retocadas e os nomes dos fuzilados somem dos registros como se nunca tivessem nascido. Aqui na Nova República, você já viu isso acontecer: os boletins do DOC são reescritos de madrugada, as postagens somem da rede, os vizinhos levados pelos furgões brancos deixam de ter existido. O Estado não quer apenas o seu silêncio de hoje; quer o silêncio de amanhã sobre o que foi feito com você.

É contra essa segunda guerra que o testemunho se levanta. Quem registra a verdade comete o crime que o sistema mais teme: impede

que o passado seja apagado. E o passado, quando sobrevive, torna-se o juiz implacável que nenhum tribunal de exceção consegue comprar.

Viktor Frankl compreendeu isso nos campos de extermínio. Ao ser deportado para Auschwitz, levava costurado no forro do casaco o manuscrito de um livro em que trabalhara durante anos. Os guardas confiscaram o casaco, e com ele a obra de sua vida. Frankl não desistiu. Já em Türkheim, ardendo de febre tifóide, começou a reconstruir o texto em anotações taquigráficas rabiscadas em pedaços de papel roubado. Mais tarde diria que a vontade de recuperar aquele livro foi uma das forças que o mantiveram vivo. Libertado, escreveu em poucos dias o relato que o mundo conheceria como Em Busca de Sentido. O nazismo tirou-lhe a mulher, os pais e o irmão. Não conseguiu tirar-lhe a capacidade de contar.

Anne Frank fez o mesmo trancada em um sótão de Amsterdã, entre os treze e os quinze anos de idade, escrevendo com uma coragem e uma lucidez que muito intelectual de universidade jamais ousou demonstrar. Há um detalhe pouco lembrado: em março de 1944, ela ouviu pela rádio clandestina um ministro do governo holandês no exílio pedir que a população guardasse diários e cartas, porque depois da guerra seriam necessários para documentar o que o povo sofrera. A partir dali, Anne passou a reescrever o próprio diário com a intenção consciente de publicá-lo. A menina escondida atrás de uma estante deixou de escrever apenas para si e começou a escrever para o futuro. Morreu de tifo em Bergen-Belsen meses antes da libertação. Suas palavras, porém, saíram do sótão e atravessaram o planeta.

Ainda mais impressionante foi a obra coletiva de Emanuel Ringelblum no Gueto de Varsóvia. Historiador de formação, ele organizou um grupo clandestino de dezenas de colaboradores,

codinome Oyneg Shabes, “a alegria do sábado”, que passou anos recolhendo tudo: diários, cartazes, cardápios de sopa, relatos de deportações, poemas infantis, estudos sobre a fome. Quando ficou claro que o gueto seria liquidado, enterraram o arquivo em caixas de metal e latões de leite sob os escombros. Ringelblum foi descoberto e fuzilado com a família em 1944. Mas, depois da guerra, dois desses esconderijos foram desenterrados, e milhares de páginas emergiram do solo como mortos que se recusam a ficar calados. Um dos jovens que ajudou a enterrar as caixas deixou escrito que gostaria de estar vivo no instante em que aquele tesouro fosse descoberto e o mundo, finalmente, soubesse da verdade. Ele não viveu para ver. O arquivo viveu por ele.

E quando nem o papel é permitido? Então a memória humana vira o último cofre. Aleksandr Soljenítsin, nos campos do Gulag, compunha versos de cabeça e os memorizava usando um rosário improvisado com bolinhas de pão, uma conta para cada estrofe, repassando milhares de linhas para não perdê-las. Anna Akhmatova, enquanto o filho apodrecia nas prisões de Leningrado, escreveu seu Réquiem sem confiá-lo ao papel por muito tempo: lia os versos a amigas de confiança, que os decoravam, e então queimava a folha no cinzeiro. Ela própria conta que, durante os dezessete meses que passou nas filas da prisão, uma mulher de lábios roxos de frio a reconheceu e perguntou, num sussurro, se ela era capaz de descrever aquilo. Akhmatova respondeu que sim. E então algo parecido com um sorriso passou pelo que antes havia sido o rosto daquela mulher. Eis o milagre do testemunho: mesmo antes de existir no papel, a simples promessa de que alguém vai contar já devolve um fiapo de dignidade a quem sofre.

Na União Soviética tardia, essa resistência ganhou nome: *samizdat*, a autopublicação clandestina. Textos proibidos eram datilografados com o máximo de folhas de carbono que a máquina suportava e passados de mão em mão; cada leitor fazia novas cópias. O dissidente Vladimir Bukovsky resumiu o espírito da coisa com ironia: no samizdat, você mesmo escreve, edita, censura, publica, distribui, e você mesmo cumpre a pena de prisão por isso.

Nem precisamos ir tão longe. Aqui mesmo, nesta terra, entre 1979 e 1985, um grupo liderado pelo cardeal Dom Paulo Evaristo Arns e pelo reverendo presbiteriano Jaime Wright realizou uma das operações de testemunho mais audaciosas da história do continente. Com a ajuda de advogados, retiraram discretamente dos arquivos do Superior Tribunal Militar centenas de processos da ditadura, fotocopiaram mais de um milhão de páginas em segredo e enviaram cópias para fora do país por segurança. O resultado foi o Brasil: Nunca Mais, que documentou a tortura a partir dos próprios papéis oficiais do regime. Os carrascos foram desmascarados pela própria burocracia que produziram. Não há lição mais útil para quem vive sob o DOC: todo sistema que registra tudo deixa, em algum lugar, as provas dos próprios crimes.

Lembre-se, por fim, de Winston Smith. O primeiro ato de rebeldia dele não foi o romance com Julia, nem o encontro com O'Brien. Foi abrir um caderno em branco e escrever, sabendo que aquilo bastava para condená-lo à morte. Ele dedicou o diário ao futuro ou ao passado, a um tempo em que o pensamento fosse livre. Winston fracassou como camaleão, mas aquela primeira página mostra que ele entendeu algo essencial: escrever a verdade é recusar a autoridade do Partido sobre a realidade.

O ato de testemunhar é o que eterniza a resistência e garante que o neto do tirano um dia leia os registros históricos e sinta uma vergonha incurável pelo sobrenome que carrega. É a ferramenta que diz ao futuro: “Eu vi o horror. Eu não me calei diante da mentira. Eu existi de cabeça erguida.”

Portanto, dissidente, registre. Não confie na nuvem: os Besouros leem tudo o que passa por ela. Escreva em papel, guarde em lugares que só você conhece, decore o que não puder ser escrito, ensine aos seus filhos os nomes dos que foram levados. Anote datas, rostos, placas de furgões, ordens recebidas, mentiras ditas nos telejornais. Você não sabe quem vai ler. Talvez ninguém leia por cinquenta anos. Ringelblum também não sabia. Se você não tem coragem sequer para segurar um diário e registrar a verdade em silêncio, vá se afiliar a um partido corrupto e assuma logo o seu papel de engrenagem no jogo deles.

07

SER SANTO

A Resistência Perfeita

A forma definitiva, absoluta e impecável de resistir a um sistema totalitário é entregar-se por completo à busca pela santidade. O santo é aquele indivíduo que não se dobra nunca, diante de nenhuma autoridade terrena ou decreto burocrático, porque só se ajoelha diante do Deus Todo-Poderoso. Prefere a morte do corpo à sujeira moral da consciência.

Há uma chave escondida na própria língua. A palavra “mártir” vem do grego *mártys*, que significa simplesmente “testemunha”. O mártir é aquele que leva o testemunho do capítulo anterior até as últimas consequências: não grava a verdade apenas no papel, mas na própria carne. Por isso o santo não é uma alternativa aos outros seis caminhos; é a sua consumação.

Todo totalitarismo é, no fundo, uma religião invertida. Exige adoração, promete salvação terrena, cria seus próprios dogmas, seus próprios hereges e suas próprias liturgias de ódio. Santo Agostinho já distinguia as duas cidades: a Cidade dos Homens, construída sobre o amor de si até o desprezo de Deus, e a Cidade de Deus, construída sobre o amor de Deus até o desprezo de si. O Estado que pretende ocupar o lugar do céu entra fatalmente em guerra contra quem

pertence à outra cidade. E perde, porque não tem nada a oferecer a quem já possui tudo.

Maximiliano Kolbe demonstrou o ápice dessa soberania em Auschwitz. Em julho de 1941, depois da fuga de um prisioneiro, o comandante escolheu dez homens para morrer de fome num bunker subterrâneo. Um deles, o sargento Franciszek Gajowniczek, gritou que tinha mulher e filhos. Kolbe, frade franciscano, deu um passo à frente e pediu para morrer no lugar dele. No bunker da fome, onde os condenados costumavam enlouquecer e uivar, conduziu orações e cânticos até o fim. Duas semanas depois, como ainda estava vivo, os nazistas o mataram com uma injeção de fenol. Gajowniczek sobreviveu à guerra e, décadas mais tarde, esteve na Praça de São Pedro no dia em que Kolbe foi declarado santo. O campo foi construído para reduzir homens a números; um número se recusou a ser número e transformou a sala da morte em capela.

O arcebispo Oscar Romero, em El Salvador, começou como um clérigo cauteloso e conservador, escolhido justamente por parecer inofensivo. Mas, ao ver seus padres e seus fiéis assassinados pelos esquadrões da morte, não conseguiu mais ficar calado. Em seu último sermão dominical, suplicou aos soldados que desobedecessem às ordens de matar os próprios irmãos. No dia seguinte, foi baleado no peito diretamente no altar enquanto celebrava a missa. Mais de três décadas depois, foi canonizado.

Na Polônia comunista, o padre Jerzy Popiełuszko celebrava as “Missas pela Pátria”, que reuniam dezenas de milhares de pessoas em Varsóvia. Não incitava ao ódio; repetia o lema de São Paulo: vencer o mal com o bem. Isso bastou para torná-lo insuportável ao regime. Em 1984, agentes da polícia secreta o sequestraram, espancaram até a

morte e lançaram seu corpo amarrado nas águas do rio Vístula. O funeral reuniu centenas de milhares de pessoas, e seu túmulo virou um lugar de peregrinação que o regime não conseguiu esvaziar. O Estado matou um padre e, com isso, entregou ao povo um santo.

Mas a santidade não se resume a morrer bem. O cardeal vietnamita François-Xavier Nguyen Van Thuan passou treze anos nas prisões comunistas, nove deles em solitária. Sem missal, sem altar, sem igreja, celebrava a missa todos os dias com três gotas de vinho e uma de água na palma da mão; o vinho chegava escondido em um frasco rotulado como remédio para o estômago. Esculpiu uma cruz em um pedaço de madeira e a pendurou em uma corrente feita de fio elétrico, ambos obtidos com a ajuda de guardas que ele conquistou pela gentileza. As autoridades precisaram trocar os carcereiros várias vezes, porque os vigias acabavam se tornando seus amigos. Escrevia mensagens para seus fiéis em folhas velhas de calendário, contrabandeadas por uma criança. Aqui está a lição para quem vive sob a vigilância dos Besouros: a santidade pode ser praticada em segredo absoluto, no espaço de uma cela, na palma de uma mão.

E há os santos que ninguém conhece. Franz Jägerstätter era um camponês austríaco, pai de três filhas, sem formação teológica nem prestígio algum. Quando foi convocado para lutar pelo exército de Hitler, recusou. O padre da paróquia, a família e até o bispo tentaram convencê-lo a assinar o juramento, lembrando-lhe das filhas. Ele respondeu que não poderia servir a um regime que considerava mau. Foi decapitado em 1943. Jägerstätter é o anti-camaleão: em alguns casos, nem o disfarce é lícito, porque há atos que a consciência simplesmente não pode praticar, nem por fingimento.

Repare: o santo carrega em si todos os caminhos anteriores. Van Thuan escondendo a missa dos guardas é o camaleão que oculta seu tesouro. Kolbe dando um passo à frente é o homem que já se declarou morto. Thomas More, condenado por se recusar a reconhecer o rei como chefe da Igreja, subiu ao cadafalso brincando com o carrasco: pediu ajuda para subir, porque para descer se arranjaria sozinho, e afastou a barba do cepo, dizendo que ela não havia cometido traição alguma.

Os Padres do Deserto, que abandonaram as cidades corrompidas do Império para viver nas areias do Egito, são os primeiros exilados estratégicos. E todos, sem exceção, são testemunhas, porque mártir é testemunha. O próprio More resumiu tudo antes de morrer: morria como bom servo do rei, mas servo de Deus em primeiro lugar.

Soljenítsin, que passou pelo Gulag e saiu de lá cristão, deixou uma advertência fundamental: a linha que separa o bem do mal não passa entre Estados, classes ou partidos, mas atravessa o coração de cada ser humano. É por isso que a santidade é a resistência perfeita. O totalitarismo vence quando consegue instalar dentro de nós o mesmo mal que pratica fora: o ódio, a mentira, o medo, a vingança. O santo é aquele que derrota o tirano dentro de si antes de enfrentá-lo fora. Resiste sem se tornar aquilo que combate. Por isso o santo é o único inimigo que o sistema não consegue nem corromper, nem compreender.

Tertuliano escreveu, no tempo das perseguições romanas, que o sangue dos mártires é semente de cristãos. O Império que crucificava, queimava e lançava às feras desapareceu; a fé daqueles que ele matava permaneceu. A alma pura, a consciência perfeitamente reta e a fé

inquebrantável constituem a dinamite espiritual usada pela Providência para humilhar o orgulho da Babilônia.

O desenvolvimento heróico das virtudes, especialmente as teologais; a compreensão profunda do mal infligido enquanto participação mística na própria Paixão de Cristo; a capacidade de enxergar o valor purgativo e temperador do sofrimento; a propagação da caridade pela exposição intransigente da verdade; e a difusão da coragem pelo testemunho vivo do exemplo pessoal configuram a resistência perfeita. A busca pela perfeição cristã e pelo autodomínio permite a realização plena de todos os outros itens deste mapa. Quando tudo o que o homem faz, pensa e escolhe é direcionado para a glória de Nosso Senhor Jesus Cristo, o sistema totalitário perde completamente a capacidade de tocá-lo.

Pronto. Você tem diante de si os sete caminhos reais da liberdade interior. Escolha um deles com firmeza. Combine vários deles de acordo com a sua realidade. Faça o que for preciso para salvar a sua consciência, mas não cometa o erro trágico de escolher a neutralidade ou a apatia cinzenta da maioria. Como já advertia de forma implacável aquele Livro milenar que os tiranos e os demônios mais odeiam na história: “Os mornos serão vomitados”. Assuma o governo do seu espírito e torne-se livre.

— FIM DA TRANSMISSÃO —



OUSE OLHAR PARA O ALTO.

RIOTOPIA · PAULO MACCEDO

riotopia.com.br